



Eixo 1 – Não deixar ninguém para trás

Modalidade: Trabalho completo

AS MEMÓRIAS E OS LUGARES DE MEMÓRIA NA BIOGRAFIA DE MAHOMMAH GARDÓ BAQUAQUA

The memories and places of memory in the biography of Mahommah Gardo Baquaqua

Ana Cristina Vieira – Instituição (UFPE)

Resumo: O trabalho discorre sobre as memórias e os lugares de memória presentes no livro autobiográfico de Mahommah Gardo Baquaqua. Traz como objetivo a análise da representação da memória autobiográfica para ressignificação das memórias: individual, coletiva e negra no século XIX. A metodologia foi desenvolvida a partir das pesquisas: bibliográfica, documental, descritiva e qualitativa, utilizando os conceitos da Organização da Informação (OI). Os resultados das categorias e subcategorias de análise apresentam um retrato social das sociedades: africana, brasileira e americana na perspectiva do escravizado. As considerações finais apontam à memória negra como fundamento para compreensão do racismo antinegro e para o empoderamento negro.

Palavras-chave: Mahommah Gardo Baquaqua. Memória negra. Lugares de memória. Biografia. Representação.

Abstract: The work discusses the memories and places of memory present in Mahommah Gardo Baquaqua's autobiographical book. Its objective is to analyze the representation of autobiographical memory to re-signify memories: individual, collective and black in the 19th century. The methodology was developed based on research: bibliographic, documentary, descriptive and qualitative, using the concepts of Information Organization (IO). The results of the categories and subcategories of analysis present a social portrait of societies: African, Brazilian and American from the perspective of the enslaved. Final considerations point to black memory as a foundation for understanding anti-black racism and black empowerment.

Keywords: Mahommah Gardo Baquaqua. Black memory. Places of memory. Biography. Representation.



1 INTRODUÇÃO

Para a Ciência da Informação (CI), as biografias podem ser consideradas como documentos e as informações que elas veiculam constituem uma representação do real e do conhecimento. No enquadramento como documento, as biografias configuram-se como objetos flexíveis e mutáveis por demonstrarem sua importância e relevância a partir do uso social que os indivíduos e os grupos sociais fazem delas. Ao serem entendidas como registros de memória, as biografias possibilitam transformar ou reforçar conceitos e pré-conceitos estabelecidos na sociedade e assim contribuir no processo de ressignificação da memória coletiva e no desenvolvimento de novos conhecimentos (Cunha; Cavalcanti, 2008; Oliveira, 2005). No alcance das narrativas biográficas produzidas e difundidas ao longo dos séculos, destacam-se os registros autobiográficos dos africanos capturados pelo tráfico transatlântico de escravizados bem como as narrativas biográficas dos seus descendentes. Muitos africanos e afrodescendentes durante o período da Diáspora africana - entre os séculos XV e XIX - escreveram suas histórias ou tiveram suas histórias registradas por outros sujeitos e/ou instituições.

Esta pesquisa é fruto da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2021 e tem como objeto de estudo as memórias e os lugares de memória presentes na obra: *Mahommah Gardo Baquaqua: um nativo de Zoogoo, no interior da África*. A referida obra foi publicada pela Editora Uirapuru no ano de 2017, sendo esta obra a segunda tradução na língua portuguesa. A obra original, que tem como título *Biography of Mahommah G. Baquaqua: A Native of Zoogoo, in the Interior of Africa* foi lançada em 1854, na Cidade de Detroit, em Michigan nos Estados Unidos, sob os auspícios editoriais de George Elfwed Pomeroy, na Detroit Tribune (Baquaqua, 2017). Em linhas gerais, o livro registra as memórias de um africano, nativo da cidade de Djogou, atual região da República do Benim, na África. Mahommah Gardo Baquaqua foi capturado e escravizado no continente africano em 1840 e, posteriormente, viveu como escravizado em Pernambuco e no Rio de Janeiro, conseguindo sua liberdade na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América (EUA) (Lovejoy, 2002). O texto autobiográfico foi escrito e publicado em um contexto político-social no qual o

movimento abolicionista americano colaborava para que as autobiografias das pessoas ex-escravizadas tivessem uma boa aceitabilidade social. Desta forma, influenciavam na organização da estrutura textual e do conteúdo apresentado nas obras publicadas nos estados americanos (Sinanan, 2007).

Na Ciência da Informação, o estudo sobre o problema social concreto, como temas e casos relacionados aos fenômenos da informação e comunicação, é desenvolvido a partir da análise das propriedades inerentes ao fluxo da organização e sobre os comportamentos informacionais, como: a origem, a coleta, a organização, o armazenamento, a recuperação, a interpretação, a transformação e o uso da informação (Silva, 2006). A análise sobre o conteúdo informacional não se refere ao contexto histórico, sociológico, psicológico ou literário das narrativas, mas à investigação das propriedades (gênese, natureza) e do comportamento da informação, bem como dos fluxos entre informação e conhecimento, além das técnicas e dos meios para guarda e acesso à informação. Sua orientação passa por lançar questionamentos aos aspectos relativos à origem, coleta, organização, interpretação, transmissão, transformação e uso das informações (Borko, 1968).

Considerando que o conhecimento se organiza em estruturas mentais por meio das quais o sujeito assimila a informação, essas estruturas não são estruturas rígidas pré-formadas, mas são construídas pelos sujeitos por meio das suas competências cognitivas resultantes da interação com a informação e podem alterar ou sedimentar um saber acumulado, logo, torna-se necessário ter atenção quanto aos processos de organização e recuperação das informações dos objetos informacionais (Barreto, 2002).

A CI pode intervir na ação comunicativa informacional sob duas formas: na perspectiva da recuperação da informação ou da representação da informação (Novellino, 1996). Deste modo, a Organização da Informação (OI) pode ser definida como um processo de arranjo de acervos tradicionais ou eletrônicos por meio da descrição física e de conteúdo (assunto) de seus objetos informacionais. O produto do processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico (Café; Sales, 2010). Sob a perspectiva documental e suas possibilidades, Le Goff (2003) considera o documento como um recurso singular para os estudos da memória, ao destacar que a função do registro documental é garantir a comprovação

memorial da existência dos fatos e acontecimentos, contextualizando-os no tempo e no espaço. Desta consideração, inferem-se duas relações essenciais: na primeira, a relação se dá entre a memória e a autobiografia; e na segunda, a relação entre a memória, o sujeito biografado e o contexto social. Logo, tais relações situam pessoas, fatos históricos e as dinâmicas sociais, determinam a posição do registro documental para os estudos de memória individual e coletiva.

O estudo tem como objetivo geral: analisar a representação das memórias e dos lugares de memória da narrativa autobiográfica de Mahommah Gardo Baquaqua para ressignificação da memória individual, da memória coletiva e da memória negra do movimento abolicionista americano do século XIX. Os objetivos específicos são:

- a) caracterizar o contexto social da publicação da autobiografia de Mahommah Gardo Baquaqua;
- b) apresentar uma representação da memória individual do biografado, a partir das categorias de análise Humanidade e Liberdade e das subcategorias: Origem, Família, Educação, Religião, Língua e Resistência negra;
- c) expor uma representação da memória coletiva da autobiografia, a partir da categoria de análise Sociedade e das subcategorias: Sociedade africana, Sociedade escravista africana e Sociedade escravista brasileira;
- d) desenvolver uma representação dos lugares de memória indicados na obra, a partir da categoria de análise Locais e instituições e das subcategorias: Porto de embarque e desembarque, Navio negreiro, New York Central College e Sociedade abolicionista americana.

A pesquisa justifica-se a nível internacional, onde destacam-se os eventos que buscam o reconhecimento e valorização da memória dos povos africanos e dos afrodescendentes. São eles:

- a) a Conferência de Durban, realizada na África do Sul em 2001, na qual foi elaborado o Plano de Ação de Durban, onde os países signatários se comprometeram a desenvolver políticas de ações para o combate ao racismo;
- b) o encontro promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2011, para reafirmar a luta dos países no combate ao racismo, proclamando a Década Internacional dos Afrodescendentes de 2015 a 2024, a fim de promover

reconhecimento, justiça e desenvolvimento aos descendentes dos povos africanos; e

- c) a criação do Dia Internacional em memória das vítimas da escravidão e do comércio transatlântico de escravos, comemorado anualmente a cada 25 de março para homenagear os sujeitos escravizados na Diáspora Negra (ONU, 2020).

Justifica-se a nível nacional, onde destacam-se o marco legal e o conjunto de leis elaboradas pelo governo brasileiro como forma de reparação social aos sujeitos afrodescendentes:

- a) a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo oficial da rede de ensino (BRASIL, 2008);
- b) a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que garante no mínimo 50% das vagas nas universidades e instituições federais para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (BRASIL, 2012); e
- c) a Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014, que reserva 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos na administração pública federal aos negros (BRASIL, 2014).

2 METODOLOGIA

A pesquisa científica pode ser considerada como um instrumento racional e sistemático para alcançar respostas aos problemas estudados, desde a sua formulação à concretização dos resultados, utilizando os métodos e as técnicas para conhecer, interpretar e intervir na realidade com fins à produção do conhecimento (Gerdhardt; Silveira, 2009). Este estudo foi desenvolvido a partir das pesquisas *bibliográfica* e *documental*. Do ponto de vista dos procedimentos, foram utilizados os registros bibliográficos e documentais disponíveis nos livros, artigos de periódicos, vocabulário controlado, dicionário, dissertações, teses, leis, bibliotecas digitais nacionais e internacionais e bases de dados. A pesquisa caracteriza-se como *descritiva* porque apresentou os processos de ressignificação da memória individual, da memória coletiva e da memória negra do movimento abolicionista americano do século XIX presentes na autobiografia, a partir da memória individual, da memória coletiva e dos lugares de

memória. A pesquisa descritiva tem como propósito descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade, exigindo do investigador um considerável volume de informações sobre o objeto pesquisado (Triviños, 1987 apud Gerdhardt; Silveira, 2009). Para Gil (2008), pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno; ou o estabelecimento de relações entre variáveis; e, em alguns casos, determinam a natureza dessas relações. Quanto à orientação, a pesquisa foi *qualitativa*, fundamentada nas categorias obtidas no processo de análise com vistas à interpretação sobre as temáticas que garantiram a recuperação da memória autobiográfica. Para Gerdhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, preocupando-se com o porquê das coisas e com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados porque estão centrados na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

As técnicas empregadas para alcance dos objetivos foram: a *análise documental* e a *análise temática*, a partir das orientações teóricas e metodológicas de Café e Sales (2010) e Guimarães (2009). Tais referências sustentam-se nos estudos de Tratamento Temático da Informação (TTI) e são conformadas em suas duas dimensões: a) *dimensão descritiva*, relativa à forma de apresentação dos registros; e b) *dimensão temática*, relacionada aos conteúdos presentes nos registros. O objeto da pesquisa foi a memória e os lugares de memória da biografia intitulada *Mahommah Gardo Baquaqua: um nativo de Zoogoo, no interior da África*, publicada pela Editora Uirapuru no ano de 2017. As etapas de realização da pesquisa foram:

- 1) leitura da biografia e identificação dos elementos centrais relativos aos estudos de memória;
- 2) levantamento bibliográfico e documental dos registros em bibliotecas, arquivos, bases de dados e sites da internet;
- 3) organização dos registros bibliográficos e documentais relacionados à pesquisa;
- 4) tradução dos registros bibliográficos;
- 5) tratamento descritivo dos registros bibliográficos e documentais afetos à pesquisa;

- 6) tratamento temático dos registros bibliográficos e documentais afetos à pesquisa;
- 7) definição das categorias e subcategorias de análise;
- 8) decomposição da biografia a partir das categorias e subcategorias definidas;
- 9) elaboração de quadros sinópticos com base nas categorias e subcategorias definidas;
- 10) análise das categorias e subcategorias;
- 11) e elaboração dos índices e glossário.

A pesquisa baseou-se nos estudos sobre memória individual e coletiva de Halbwachs (2006) e sobre os lugares de memória de Nora (1993). A definição das categorias e das subcategorias foi construída a partir das pesquisas acerca do biografado, realizadas por Lovejoy e Law (2001) e Lovejoy (2002). Sobre as biografias de sujeitos ex-escravizados, foram utilizadas as análises de Davis e Gates (1985) e de Sekora (1987). A compreensão de resistência negra foi elaborada a partir dos conceitos de Reis e Silva (1989) e dos estudos sobre o abolicionismo americano de Azevedo (2003). O quadro 1 sistematiza o esquema conceitual que fundamenta as categorias e subcategorias de análise dessa pesquisa.

QUADRO 1 – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE ANÁLISE

TRATAMENTO INFORMACIONAL		
MEMÓRIAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
Memória Individual	Humanidade	Origem
		Família
		Educação
		Religião
		Língua
	Liberdade	Resistência negra
Memória Coletiva	Sociedade	Sociedade africana
		Sociedade escravista africana
		Sociedade escravista brasileira
Lugares de Memória	Locais e Instituições	Porto de embarque e desembarque
		Navio negreiro

		New York Central College
		Sociedade abolicionista americana

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

Os estudos das memórias foram segmentados em três eixos de análise: Memória individual, Memória coletiva e Lugares de Memória.

O primeiro eixo, a *Memória individual*, apresentou informações pessoais com os dados sobre a vida privada do biografado, dividindo-se em duas categorias de análise: *Humanidade e Liberdade*. A primeira relacionou as informações sobre o biografado, desconstruindo a ideia do escravizado como objeto ou coisa, percepção comum à mentalidade da época que compreendia a pessoa escravizada como simples mercadoria. Esta categoria apresenta cinco divisões: a primeira, *Origem* – indica as informações sobre a cidade/país de Baquaqua; a segunda, *Família* – discorre sobre seus pais, irmãos e parentes; a terceira, *Educação* – menciona a educação escolar africana recebida pelo biografado; a quarta, *Religião* – aponta as características da religiosidade islâmica dos africanos; e a quinta, *Língua* – apresenta os termos da língua africana mencionados pelo biografado, demonstrando sua nacionalidade africana.

A segunda aponta as ações desenvolvidas pelo biografado para reconquistar a liberdade, desta forma, a categoria *Liberdade* divide-se na subcategoria *Resistência negra* – a qual aponta as ações e os mecanismos utilizados por Baquaqua a fim de não ser subjugado pela mentalidade e pelo sistema escravista.

O segundo eixo, a *Memória coletiva*, divide-se na categoria *Sociedade*. Esta demonstra os dados que descrevem a organização social da África e do Brasil na primeira metade do século XIX. Esta categoria subdivide-se nas subcategorias: *Sociedade africana* – que descreve os aspectos sociais, políticos e culturais locais da cidade de Mahommah Gardo Baquaqua; e nas subcategorias *Sociedade escravista africana* e *Sociedade escravista brasileira* – ambas apontam as sociedades nas quais o biografado foi escravizado, apontam as convergências e as divergências do sistema escravista, bem como os problemas sociais que fundamentaram as práticas escravistas.

O terceiro eixo, os *Lugares de memórias*, apresenta os locais que na atualidade foram tombados pelas organizações internacionais como lugares de memória e as instituições que outrora foram organizações que participaram na construção da memória negra do movimento abolicionista. Este eixo divide-se na categoria *Locais e*

instituições, que subdivide-se nas subcategorias: *Porto de embarque e desembarque* – que descreve a localização e a organização do embarque na costa africana e o desembarque em Pernambuco; *Navio negreiro* – que relata a viagem realizada na embarcação como escravizado; *New York Central College* – que detalha a chegada e os estudos no colégio/faculdade americana de Baquaqua; e *Sociedade abolicionista americana* – que apresenta a atuação da sociedade abolicionista da época.

Após a elaboração das categorias e subcategorias, houve a transcrição dos trechos da obra. Cada subcategoria foi apresentada em um quadro, totalizando 13 quadros com as estruturas textuais da autobiografia, permitindo a análise das categorias e das subcategorias que serviram à construção dos índices geral e da língua africana e à elaboração do glossário.

3 RESULTADOS

Esta seção apresenta uma análise da representação das memórias e dos lugares de memória da obra autobiográfica de Mahommah Gardo Baquaqua.

3.1 CATEGORIA HUMANIDADE - SUBCATEGORIA ORIGEM

Esta categoria apresentou os aspectos relacionados à cidade de origem do biografado. O relato autobiográfico apresenta informações detalhadas sobre a cidade natal de Mahommah Gardo Baquaqua, que nasceu entre 1820 e 1829, na cidade de Zoogoo, região localizada na atual República do Benim, na África ocidental. Tal cidade teve seu nome alterado para Djougou após a dominação francesa no século XIX (Lovejoy, 2002). Apesar da ausência dos registros documentais sobre a história do país, o relato de Baquaqua situa a sociedade de Djougou como uma região política, cultural e comercialmente desenvolvida, mesmo antes da presença dos europeus. Os primeiros relatos sobre Djougou foram produzidos pelos colonizadores europeus somente no final do século XIX (Lovejoy; Law, 2001). Lovejoy (2002) defende que, entre 1830 e 1840, Djougou era uma das mais importantes cidades entre o Império Asante (atual República do Gana) e o Califado de Sokoto (atual República Federal da Nigéria). Durante a estação da seca, muitas caravanas com carregadores e um número equivalente de jumentos passavam pela região e permaneciam por um curto período,

transportavam nozes de obi, ouro e produtos importados da Europa, da Costa do Ouro em direção ao leste e retornavam com sal, natrão, têxteis, especiarias, produtos de couro, gado, escravos e outras mercadorias. A exposição dos dados foi importante para a credibilidade da obra perante o público leitor da época. Segundo Cabral e Carola (2019), os relatos das autobiografias foram utilizados como instrumentos para sensibilização do público leitor formado essencialmente por sujeitos brancos.

3.2 CATEGORIA HUMANIDADE - SUBCATEGORIA FAMÍLIA

A autobiografia identifica a família do biografado, apresentando as figuras do pai, da mãe, do irmão, das irmãs, do tio e do avô. Exibe as características específicas sobre cada membro familiar (com exceção das irmãs): o pai era de linhagem árabe e atuava como mercador; a mãe de Baquaqua vinha da cidade de Katsina, local onde havia um importante centro comercial; o tio exercia a profissão de ferreiro do rei de Djougou e detinha uma propriedade; da mesma forma, o avô possuía uma vasta extensão de terra, sendo, portanto, todos pertencentes a uma privilegiada classe econômica de respeitável prestígio social (Lovejoy, 2002). A memória presente na subcategoria *família* contribuiu para o processo de humanização do negro. A narrativa autobiográfica contribuía para a desmitificação dos escravizados como meros objetos da sociedade escravista. Segundo Azevedo (2003), as autobiografias dos ex-escravizados buscavam identificar o africano e o afro-americano como uma pessoa, admitindo desta forma a sua humanidade e a luta pela liberdade defendida por ele.

3.3 CATEGORIA HUMANIDADE - SUBCATEGORIA EDUCAÇÃO

A categoria tratou as informações acerca da organização escolar na cidade de Djougou, que era baseada no islamismo, indicando o procedimento educacional e ao mesmo tempo religioso. O registro documental possibilita o acesso a uma informação histórica. Tendo em vista a ausência de documentos conservados sobre a região africana nas primeiras décadas do século XIX, a descrição do sistema educacional em Djougou permitiu a ressignificação do pensamento social comum do mundo atlântico sobre o continente africano, uma vez que este continente era considerado como um local sem história, imerso na barbárie e selvageria (Munanga, 2015). Para Scott (2017), a explanação sobre o processo de alfabetização e aprendizagem escolar dos africanos

justificava e fortalecia os argumentos para a defesa da alfabetização dos negros escravizados e enfatizava a defesa do reconhecimento da humanidade desses sujeitos para o público leitor, tendo em vista que os intelectuais da época consideravam a linguagem escrita como referencial de superioridade mental e cultural destinada a todos os homens, mas negada às pessoas escravizadas.

3.4 CATEGORIA HUMANIDADE - SUBCATEGORIA RELIGIÃO

A descrição das práticas religiosas na autobiografia de Baquaqua representa uma memória que reforça e confirma os resultados dos estudos históricos sobre a religiosidade adotada na região do Benim nas primeiras décadas do século XIX e que foram elaborados posteriormente ao século citado. A consolidação da sociedade islâmica na África foi possível porque os mulçumanos adotaram funções importantes na política, na educação e especialmente no comércio, o que contribuiu para estruturar a economia, difundir o islamismo e a concepção de escravidão (Lovejoy, 2002).

3.5 CATEGORIA HUMANIDADE - SUBCATEGORIA LÍNGUA

Esta subcategoria selecionou todas as palavras na língua africana, expressas na autobiografia, a saber: os nomes das cidades e países africanos, os nomes pessoais, títulos e formas de tratamento, as expressões culturais e religiosas, os nomes de animais e os termos de uso geral. A descrição das palavras de origem africana foi necessária para comprovação do biografado como sujeito africano no período da publicação da autobiografia nos Estados Unidos, tendo em vista que a quase totalidade das autobiografias de ex-escravizados da época pertenciam aos autores e autoras afro-americanos. Para Peter (2006), existe uma invisibilidade e um esquecimento acerca das línguas africanas. Nos Estados Unidos, a escravização dos africanos desenvolveu a língua denominada Black English, dialeto da comunidade afrodescendente, porém no Brasil as línguas negro-africanas que chegaram ao país pelos escravizados sobrevivem sob a forma de duas formas: como *línguas especiais*, ou seja, como modos de falar restritos a grupos específicos, associadas aos rituais religiosos nos cultos afro-brasileiros e à demarcação social; e como *língua secreta*, nas comunidades negras rurais de descendentes de escravizados. Compreende-se, portanto, que os espaços

contemporâneos nos quais circulam essas línguas são espaços da memória coletiva dos povos deportados.

3.6 CATEGORIA LIBERDADE - SUBCATEGORIA RESISTÊNCIA NEGRA

A subcategoria aponta a memória da resistência do biografado enquanto escravizado na África e no Brasil, enquanto escravo urbano e enquanto escravo embarcado. Destacou-se sua busca por ajuda entre os amigos/conhecidos africanos, o aprendizado da língua portuguesa, o relacionamento com o proprietário de escravo,

o uso das bebidas alcoólicas, a tentativa de suicídio e afogamento, a lentidão proposital para retomar o trabalho, a reação ao castigo físico recebido, sua mentalidade de homem livre. Segundo Reis e Silva (1989), no Brasil, a violência foi o método fundamental utilizado para o controle dos escravizados, mas a escravidão não funcionou e nem se reproduziu baseada apenas na força e no chicote. Entende-se que a fabricação do açúcar ou mesmo nas fazendas de café não seria viável sem uma negociação entre senhores e escravizados. Nesse sentido, considera-se como Resistência negra a atuação dos escravizados como agentes históricos capazes de traduzir seus interesses em reivindicações e exercer pressões no sentido de transformar ou transcender o regime que os oprimia. Os escravizados enfrentavam os senhores através das forças individual e/ou coletiva, como: as revoltas, as insurreições urbanas, a formação de quilombos, fugas, suicídios. Também utilizavam algumas tecnologias pacíficas de resistência, como os pequenos atos de desobediência, a manipulação pessoal, a autonomia cultural e a acomodação escrava.

3.7 CATEGORIA SOCIEDADE - SUBCATEGORIA SOCIEDADE AFRICANA

Esta subcategoria apontou os aspectos relacionados à legislação africana, aos crimes e direitos africanos; os aspectos do sistema político, a sucessão dos reis, a disputa de poder; apresentou os aspectos econômicos da agricultura, o cultivo e os instrumentos para atividade agrícola, os aspectos referentes à manufatura, a metalurgia, a especialização do trabalho; os aspectos religiosos, culturais, os costumes, o misticismo, as festas e as cerimônias africanas. Segundo Mendonça (2008), existe uma visão ocidental sobre o continente africano derivada da colonização europeia, esta visão foi reforçada pela ausência de registros documentais desenvolvidos pelos

africanos. Durante a Antiguidade não se verificam registros documentais sobre a África Ocidental, apenas relatos sobre o Saara, sobre as incursões marítimas na Costa Atlântica e informações dos mercadores do Mediterrâneo. Na Idade Média os registros disponíveis foram desenvolvidos por autores árabes para o estabelecimento do comércio, período no qual os povos negros passaram a utilizar a escrita, porém sem abandonar as tradições orais. No século XV surgiram os primeiros relatos dos europeus a partir dos contatos estabelecidos com as regiões costeiras da África tropical e, somente no século XVIII, surgiram as primeiras descrições históricas e geográficas sobre a África. A maior parte das obras foram publicadas em função do tráfico transatlântico, desta forma as publicações defendiam as ideias de que a África não possuía história e da supremacia europeia em relação ao conhecimento e compreensão do mundo. Contudo, Wesseling (1992) explica que os africanos, por razões culturais, produziram menos material escrito sobre a história africana que os europeus e, por razões climáticas, pouco desse material chegou ao nosso tempo, por isso a maior parte das fontes é exógena, provenientes de estrangeiros, viajantes gregos, romanos, árabes, geógrafos, comerciantes ou administradores europeus.

3.8 CATEGORIA SOCIEDADE - SUBCATEGORIA SOCIEDADE ESCRAVISTA AFRICANA

Nesta subcategoria foram apresentadas as características dos conflitos e das guerras, os aspectos do sistema escravista e os aspectos referentes à rota escravista africana. As memórias de Baquaqua apontam algumas características do sistema escravista na África: de acordo com Lovejoy (2002), a escravidão esteve presente em muitos lugares da África e, de igual modo, o continente africano serviu como fonte principal de escravizados para as antigas civilizações, para o mundo islâmico, para a Índia e para as Américas. Silva (2003) esclarece que a abundância de terras somada à pouca disponibilidade de ferramentas para o trabalho culminou com a necessidade essencial de mão-de-obra, desta forma a riqueza de uma pessoa na maior parte das sociedades africanas era determinada pela quantidade de mulheres e dos escravizados que possuía.

3.9 CATEGORIA SOCIEDADE - SUBCATEGORIA SOCIEDADE ESCRAVISTA BRASILEIRA

Esta subcategoria identificou as informações sobre: a localização geográfica do desembarque no Brasil, o primeiro proprietário de Baquaqua residente na cidade de Olinda, os trabalhos realizados por Baquaqua como escravizado, a descrição da violência do sistema escravista no Brasil, o comércio e o mercado dos escravizados no Brasil e as viagens de Baquaqua como escravo embarcado. A memória autobiográfica de Baquaqua relata a extrema violência do sistema escravista no Brasil, ele menciona sobre os castigos recebidos tanto como escravo urbano quanto como escravo embarcado. Segundo Santos (2011), o detalhamento autobiográfico sobre o sistema de escravidão atende um dos objetivos das autobiografias de ex-escravizados, que era denunciar a desumanização do sistema e criticar o discurso político e teológico vigente às pessoas escravizadas.

3.10 CATEGORIA LOCAIS E INSTITUIÇÕES - SUBCATEGORIA PORTO DE EMBARQUE E DESEMBARQUE

Esta subcategoria apresenta os relatos sobre a preparação dos escravizados para o embarque no navio negreiro, a descrição do comércio de escravizados na costa africana, o percurso da costa até o navio negreiro, o desembarque em Pernambuco e a descrição sobre o tráfico ilegal no Brasil. Segundo Lovejoy (2002), Baquaqua foi escravizado em Yarakeou (Zaracho), uma aldeia a oeste de Soubroukou, sendo traficado para o sul ao longo da rota do Daomé para o porto de Uidá. Contudo, o bloqueio britânico contra o tráfico tornou impossível o embarque neste porto, desta forma Baquaqua foi transportado para Porto Novo, Badagry ou para Agoué, sendo traficado no final de fevereiro de 1845 e chegando ao Brasil, em Pernambuco, em 30 de março de 1845. Mattos (2014) explica que a questão do tráfico negreiro foi por muito tempo um tema tabu na memória da maioria dos países desenvolvidos da Europa, das Américas e da África, porém o silenciamento sobre a trágica história do comércio negreiro foi repensado e ressignificado a partir do Projeto Rota do Escravo, organizado pela ONU em parceria com as autoridades governamentais. Araújo (2009) aponta que alguns lugares de embarque e desembarque utilizados pelos escravizados na África e nas Américas são considerados patrimônios material e imaterial pela Unesco, esses lugares de memória representam um sítio de pós-memória, ou seja, um lugar de reexperimentação e reinvenção do passado.

3.11 CATEGORIA LOCAIS E INSTITUIÇÕES - SUBCATEGORIA NAVIO NEGREIRO

Nesta subcategoria foram apontadas as informações sobre o tratamento dado aos escravizados, a descrição das mortes na viagem, a descrição da comunicação entre os traficantes e os escravizados no navio e os aspectos sociais e econômicos do tráfico transatlântico. Os relatos do biografado sobre as condições da viagem no navio negreiro convergem com a documentação e os estudos contemporâneos disponíveis sobre os tumbeiros. A colonização europeia nas Américas desenvolvida entre 1492 e o início do século XIX estimulou a migração transoceânica dos africanos, os quais ajudaram na formação das Américas modernas. O espaço no transporte transatlântico dos escravizados era o espaço do transporte de tecidos, do trigo ou mesmo do açúcar (Slave Voyages, 2022). Para Rambelli (2021), durante os séculos do tráfico marítimo dos africanos escravizados, várias embarcações, de diferentes tipos e tamanhos, foram utilizadas para essa função, sendo algumas construídas para este fim e outras já velhas reformadas para o transporte da carga humana. Basicamente, a construção naval era dividida em três níveis: 1) o porão – para água e víveres; 2) a falsa coberta – para a carga humana; e 3) a coberta – para a tripulação. A superlotação da carga humana pode ser identificada em diferentes fontes documentais, fazia-se de forma cruel para atender a demanda do mercado da mão-de-obra escrava e a possibilidade de obter maior lucro com a quantidade máxima de africanos transportados em uma única viagem, mesmo que isto acarretasse perdas de vidas humanas (Rambelli, 2021).

3.12 CATEGORIA LOCAIS E INSTITUIÇÕES - SUBCATEGORIA NEW YORK CENTRAL COLLEGE

Esta categoria identificou as informações sobre o diretor da faculdade/escola, as informações sobre a entrada e o estudo na Faculdade, o discurso de Baquaqua ao final do curso e as práticas racistas dos estudantes. O New York Central College foi fundado por Cyrus Pitt Grosvenor juntamente com outros religiosos antiescravistas em setembro de 1849, na cidade de Nova Iorque. Esta faculdade foi patrocinada pela American Baptist Free Mission Society, era uma instituição abolicionista e tinha como fundamento a igualdade humana, sendo a pioneira no ensino para estudantes afro-americanos, africanos e estudantes do sexo feminino. Para Lovejoy e Law (2001), a descrição desta instituição na autobiografia de Baquaqua convergia com um dos

propósitos da obra em ser uma representação de um tratado abolicionista. Ao mesmo tempo que a memória autobiográfica discorreu sobre os males da escravidão e do tráfico negreiro, também apresentou uma propaganda para o seu retorno ao continente africano como missionário cristão. Esta alusão indicava um apelo explícito para obter recursos financeiros à causa abolicionista e à viagem de retorno à África.

3.13 CATEGORIA LOCAIS E INSTITUIÇÕES - SUBCATEGORIA SOCIEDADE ABOLICIONISTA AMERICANA

Esta subcategoria apresentou as informações sobre a rede de apoio abolicionista nos Estados Unidos que contribuíram para a liberdade de Baquaqua, o percurso da liberdade, a descrição da rede de apoio no Haiti, a conversão religiosa, o registro da trajetória de Baquaqua no livro dos abolicionistas, o registro no periódico da sociedade abolicionista, as informações das cartas escritas por Baquaqua e a descrição da viagem para o Canadá e para a Inglaterra. Os registros autobiográficos de Baquaqua revelam que a sua chegada, na cidade de Nova Iorque em 1847 como escravo embarcado, e sua fuga da Embarcação Lembrança despertou a atenção das sociedades abolicionistas americanas. De igual modo a imprensa nova-iorquina cobriu o caso através dos jornais da época: *o New York Daily Tribune*, *o Herald*, *o Express* e *o National Anti-Slavery Standard*. A sua fuga e a permanência no Haiti por dois anos foi proporcionada pela proteção da sociedade abolicionista *American Baptist Free Mission Society*, em Porto Príncipe (Lovejoy; Law, 2001). Segundo Sekora (1987), as sociedades abolicionistas buscavam ressignificar o conhecimento sobre a escravidão para as pessoas brancas que eram indiferentes, por isso o texto deveria ser altamente convincente e persuasivo. Além do fluxo regular de oradores talentosos, os abolicionistas utilizaram as autobiografias de ex-escravizados. Nas plataformas de palestras e nos púlpitos, defendiam o antiescravismo através dos discursos, sermões, petições, panfletos, jornais, artigos, periódicos semanais e broadsides. Também através de poesia, ensaios, dramas, romances e livros de viagens. A história de Baquaqua, antes de ser publicada como livro, foi mencionada no jornal *Contributor and Free Missionary* da sociedade abolicionista *American Baptist Free Mission* e as muitas cartas escritas por ele a vários abolicionistas entre 1848 e 1854 revelam os objetivos da sociedade abolicionista em prol do abolicionismo (Lovejoy, 2002).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação das memórias e os lugares de memórias possibilitou o acesso informacional ao mundo atlântico do século XIX. A categorização temática favoreceu a um detalhamento de informações sobre a estrutura social do africano, bem como apresentou um retrato sobre as sociedades africana, brasileira e americana do século XIX. No contexto atual, no qual a Organização das Nações Unidas (ONU), através da Resolução 62/112, de 17 de dezembro de 2007, definiu a data 25 de março como Dia Internacional em memória das vítimas da escravidão e do comércio transatlântico de escravos, o detalhamento das memórias converge para o ato de lembrar os sujeitos capturados pelo tráfico como de fato eram. Como seres humanos, essas pessoas possuíam família, educação, religião, uma história de vida. A desconstrução da imagem do escravizado como um objeto possibilita a sensibilização dos sujeitos contemporâneos, permitindo a construção de uma cultura de reconhecimento e valorização das vítimas do tráfico transatlântico. Os lugares de memórias confirmam a escravidão como um sistema extremamente organizado, de alto investimento e retorno financeiro. Da mesma forma, eles apresentam a surpreendente organização da sociedade abolicionista quanto aos registros bibliográficos das ações realizadas. Atualmente, estes registros são documentos preciosos para a compreensão da luta pelo fim da escravidão negra, e em certa medida, fundamentam a necessidade da manutenção de políticas públicas para os afrodescendentes, como as cotas nas universidades e no serviço público federal.

A partir da exposição das categorias e subcategorias temáticas, da descrição dos assuntos, pode-se considerar a obra de Baquaqua como um lugar de memória. O seu legado autobiográfico tem sido fonte de informação para as pesquisas na área da educação no nível escolar e no nível acadêmico através das pesquisas de mestrado e doutorado no contexto nacional e internacional. De igual modo, como fonte de informação, as memórias de Baquaqua têm sido insumo para a elaboração das expressões e manifestações artísticas, como: o samba-enredo da Escola de Samba virtual Recanto do Beija-flor, em 2018; o documentário “Falas Negras”, produzido por Lázaro Ramos, exibido na Rede Globo de Televisão no ano de 2020; a música intitulada

“Baquaqua”, de composição de Amaro Freitas e lançada no ano de 2021; além de algumas peças teatrais apresentadas em vários Estados brasileiros.

Espera-se que outras memórias autobiográficas dos ex-escravizados sejam analisadas sob a ótica da Ciência da Informação e que os estudos sobre os registros dos sujeitos negros e afrodescendentes sejam popularizados no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Lúcia. Caminhos atlânticos: memória, patrimônio e representações da escravidão na Rota dos Escravos. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 25, n. 41, p. 129-148, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 10 jul. 2024.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Abolicionismo**: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003.

BAQUAQUA, Mahommah Gardo. **Biografia de Mahommah Gardo Baquaqua**: um nativo de zoogoo, no interior da África. São Paulo: Uirapuru, 2017.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.

BORKO, Harold. Information Science: What is it? **American Documentation**, [s. /], v.19, n.1, p. 3– 6, jan. 1968.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília: Planalto, 2008. Disponível em: Acesso em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Brasília: Planalto, 2012. Disponível em: Acesso em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014**. Brasília: Planalto, 2014. Disponível em: Acesso em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CABRAL, Gladir da Silva; CAROLA, Carlos Renato. A escrita de si e a busca de liberdade: a narrativa de Mahommah Baquaqua. **Antares**: Letras e Humanidade, Caxias do Sul, v. 11, n. 22, p. 116-141, jan./ abr. 2019.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; SALES, Rodrigo. Organização da informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. *In*: ROBREDO, Jaime; BRASCHER (org.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. p. 115-129. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/36/1/eroic.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DAVIS, Charles T.; GATES, Henry Louis, Jr. (ed.). **The Slaves' Narrative**. New York: Oxford University Press, 1985.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**, p. 105-117, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África**: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahommah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, Bahia, n. 27, p. 9-39, 2002.

LOVEJOY, Paul E.; LAW, Robin (ed.). **The biography of Mahommah Gardo Baquaqua**: his passage from slavery freedom in Africa and America. Nassau Street, Princeton: Markus Wiener Publishers, 2001.

MATTOS, Hebe; ABREU, Martha; GURAN, Milton. Por uma história pública dos africanos escravizados no Brasil. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 255-273, jul./dez. 2014.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. **Histórias da África**. São Paulo: LCTE Editora, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, p. 20-31, dez. 2015.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira Novellino. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 37-45, jul./dez. 1996.

OLIVEIRA, Marlene. Origens e evolução da Ciência da informação. *In*: OLIVEIRA, Marlene (coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 09-28.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Década Internacional de afrodescendentes**: 2015-2024. Comércio Transatlântico de escravos. 2020. Disponível em: <https://decada-afro-onu.org/slave-trade>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PETER, Margarida Maria Taddoni. Intolerância linguística e resistência: a questão do negro. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE A INTOLERÂNCIA, 1., 2006, USP, São Paulo. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/intolerancia-linguistica-e-resistencia-questao-do-negro>. Acesso em: 10 jul. 2024.

RAMBELLI, Gilson. Arqueologia de naufrágios e a proposta de estudo de um navio negreiro. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Unicamp, Campinas, n. 6, p. 97-106, ago. 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15733>. Acesso em: 10 jul. 2024.

REIS, João José. SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, José Paiva dos. Autobiografia, apropriações e subversões: a literatura negra abolicionista nos Estados Unidos oitocentistas. **Revista Vertentes**, v. 19, n. 1, jan./jun. 2011.

SCOTT, Lyn Orilla. Autobiography: Slave Narratives. **Oxford Research Encyclopedias**, jul. 2017. Disponível em: <http://literature.oxfordre.com>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SEKORA, John. Black Message/White Envelope: genre, authenticity, and authority in the antebellum slave narrative. **Callaloo**, n. 32, p. 482-515, 1987.

SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o libambo**: A escravidão na África de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação**: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico. Porto: Afrontamento, 2006.

SINANAN, Kerry. The slave narrative and the literature of abolition. In: FISCH, Audrey (ed.). **The African American Slave Narrative**. New Jersey: Cambridge University Press, 2007. p. 61-80.

SLAVE VOYAGES. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org> Acesso em: 14 mar. 2024.

WESSELING, Henk. História de além mar. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.